



**REENCONTROS
NOVOS ESPAÇOS
OPORTUNIDADES**

XXXIV SIC Salão Iniciação Científica

**26 - 30
SETEMBRO
CAMPUS CENTRO**

Evento	Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2022
Local	Campus Centro - UFRGS
Título	A partilha viva da morte
Autor	ANA LUIZA DE OLIVEIRA BORGES
Orientador	SIMONE ZANON MOSCHEN

O presente trabalho parte das reverberações do projeto de pesquisa-intervenção *As narrativas ficcionais e o cuidado a dor crônica*, realizado pelo NUPPEC/Eixo-2 no setor de Dor e Cuidados Paliativos do Grupo Hospitalar Conceição, as quais conduziram este percurso de pesquisa ao entrelaçamento dos temas da dor, do luto e da ficção na psicanálise. A pandemia do COVID-19 no Brasil, momento histórico contemporâneo à pesquisa, fez do luto um tema de estudo ainda mais urgente: diante de uma experiência coletiva de morte negligenciada e não reconhecida pelo Estado e pelas relações sociais e de poder, como pensar a sustentação social do(s) processo(s) singular(es) de elaboração do luto? Quais as (im)possibilidades de elaboração do luto quando não se encontra no outro/Outro uma ancoragem possível? Em *A Desumanização (2017)*, *Valter Hugo Mãe* nos leva a conhecer Halldora que, após a perda de sua irmã gêmea, busca encontrar no vazio gélido das relações familiares e comunitárias da Islândia uma possibilidade de ressignificar o seu lugar e o da irmã diante da morte – através de tentativas de inscrição simbólicas da perda, Halla resiste ao silêncio instaurado pelo luto. Em companhia da teoria psicanalítica, dos conceitos de memória e de testemunho de *Walter Benjamin* e de *Jeanne Marie Gagnebin* e da obra de *Mãe*, este trabalho busca sustentar a tese de que um posicionamento ético diante do luto - que possibilite a sua elaboração através do que Freud, em *Luto e Melancolia (1917)*, chama de um redirecionamento da libido que se encontra no objeto perdido para um outro objeto de investimento pulsional - envolve a transmissão do inenarrável, a partilha social do testemunho histórico e simbólico daqueles que morreram. Somente tal partilha permite inscrever a dimensão do vivo na morte e da morte no vivo de um coletivo – costura imprescindível para a elaboração do luto.